



## **Metodologias participativas como eixo de ação do grupo Agrovida**

Isabel de J. Santos<sup>1</sup>  
Iolanda de O. Cerqueira<sup>2</sup>  
Neverton Pereira<sup>3</sup>  
André Santos de Oliveira<sup>4</sup>  
Martins Batista dos Santos<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco. isaagronomia@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba. irla424@hotmail.com

<sup>3</sup> Centro de Formação Profissional Alberto Torres - Cruz das Almas - Bahia.

<sup>4</sup> Agrovida

<sup>5</sup> Agrovida

### **RESUMO**

O presente artigo é fruto de estudo exploratório sobre metodologias participativas decorrente da intervenção do Movimento de Apoio à Agricultura Familiar e Agroecologia (Agrovida), em ações de extensão universitária contidas nas áreas das Ciências Agrárias, no curso de Engenharia Agrônoma, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), através da metodologia de agentes multiplicadores agroecológicos, ou seja, o envolvimento dos(as) jovens rurais nas ações de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater). O estudo foi de cunho qualitativo na perspectiva da construção da pesquisa-ação envolvendo 18 comunidades e um assentamento dos municípios de: Cruz das Almas, São Felipe, São Feliz, Maragojipe e Santo Amaro, no território do Recôncavo da Bahia. Para esta reflexão, buscamos subsídios nas concepções de extensão de Paulo Freire, Roberto Francisco Caporal e Juan E. Diaz Bordenave.

**Palavras-chave:** Extensão universitária; Metodologias participativas; Agricultura familiar; Agroecologia.

### **Introdução**

A conformação de experiências de extensão do Movimento de Apoio à Agricultura Familiar e Agroecologia (Agrovida) em metodologias participativas com professores, estudantes, agricultores(as) familiares, técnicos(as) e gestores(as) rurais, inseridos no contexto da agricultura familiar e Agroecologia, surge em 12 de fevereiro de 2004 na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no contexto de interiorização do Ensino Superior público. A ação do Agrovida dialoga com a extensão



universitária passando a ser uma experiência de grande valia na formação acadêmica de vários estudantes no interior do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

O Agrovida passa a problematizar a necessidade de uma concepção inovadora de extensão, com a formação extensionista rural do estudante estruturada na ciência, na cultura e no trabalho. Estabelece um significado mais amplo de extensão como processo educativo, cultural e científico e reconhece que a formação extensionista rural precisa ser incorporada às políticas de extensão universitária possibilitando aos estudantes um novo conhecimento no âmbito da metodologia a ser trabalhado e articulado transpondo o currículo hierarquizado, linear e fechado, com a teoria dissociada da prática e da formação profissional.

O Agrovida percorreu por várias matrizes e diretrizes conceituais, passando a contribuir e mesmo, a gerar, atividades de extensão universitária no âmbito da formação sociopolítica tomando, como público participante destas atividades, sobretudo, produtores e agricultores oriundos das comunidades rurais. Assim, a experiência interna acadêmica do Agrovida no campo da extensão universitária é anterior à própria criação da UFRB (Lei nº 11.151, de 2005), que nasce de maneira substantiva e não arbitrária, sendo este um aspecto relevante na maturação do grupo, considerando que a extensão passou a ser apreendida em face de um conjunto de ações, vislumbrando o aprendizado sobre os problemas atuais e cotidianos.

Nessa perspectiva, a extensão universitária desenvolvida pelo Agrovida se consolida como prática acadêmica e como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para ação dos estudantes. Desta forma, é relevante contar e registrar as experiências extensionistas do grupo em que destacamos as do Programa Uniater do Governo do Estado da Bahia, iniciado em parceria com a equipe técnica do Agrovida em outubro de 2010, equipe esta composta por membros do grupo e jovens rurais. Essa participação do Agrovida requer dos estudantes, além da formação nas áreas relacionadas ao desenvolvimento rural, experiência com foco na assistência técnica para a agricultura familiar visando atender aos Territórios do Baixo Sul e Recôncavo através da metodologia de agentes multiplicadores agroecológicos.

Diante desta experiência, o campo de atuação extensionista do Agrovida passa a ser um laboratório, com inquietações suficientes, para problematizar as metodologias participativas que incluem as concepções teóricas de extensão universitária articulada às

estratégias e metodologias educativas e participativas, integradas ao trabalho dos(as) extensionistas em comunidades rurais.

Atuar, nessa perspectiva, aos(as) extensionistas requer analisar práticas e metodologias utilizadas, sendo fundamental apresentar uma reflexão crítica sobre a efetividade do extensionismo rural em reelaborar a concepção educativa. Como as metodologias participativas de extensão rural se tornam efetivas em romper com a concepção de prática extensionista alienante, excludente, imposta de cima para baixo?. Para essa reflexão o próximo tópico será dedicado à compreensão do termo *extensão* implicado em práticas de extensão universitária e extensão rural.

### **Concepção de extensão como processo educativo, cultural, político e científico**

A concepção de *extensão* abarca a ideia de Paulo Freire sendo um processo dialógico e de aprendizagem. Quando fala da extensão rural, também direciona seu olhar para as habilidades profissionais das Ciências Agrárias.

(...) o agrônomo educador que não se esgota e não deve esgotar-se no domínio da técnica, pois que esta não existe sem os homens e estes não existem fora da história, fora da realidade que devem transformar. Não há de considerar perdido o tempo de diálogo que problematizando crítica e criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito da transformação. Ainda quando, para nós, o trabalho do agrônomo educador se restringisse apenas na esfera do aprendizado de técnicas novas, não haveria como comparar a dialogicidade com a antialogicidade (FREIRE 1983, 71-72).

A ideia de extensão, de certa forma, já tem um equívoco, e o autor sugere a comunicação no lugar da extensão. A comunicação como algo dialógico que requer atenção de ambas as partes, não apenas no viés tecnicista do fazer, no entanto, ao pensar na matriz de produção, e nos processos de formação, a lógica hegemônica, ou seja, a técnica do fazer persiste na academia, bem como a reprodução do funcionalismo.

A extensão rural no Brasil, durante muitos anos, foi baseada na teoria de difusão de inovações, e isto reflete até hoje na formação dos profissionais das Ciências Agrárias. Porém o grupo Agrovida começou a problematizar a extensão rural a partir da formação na academia.

Callou (2006) fala sobre a polissemia da extensão rural, nos seus 60 anos de existência no Brasil: o primeiro significado foi desenvolvido sobre o padrão americano, voltado para serviço na área da saúde; o segundo significado, como educação, voltado



para as populações carentes; o terceiro significado diz respeito à ajuda técnica e financeira; o quarto significado, à ajuda técnica e financeira como “ferramenta” de educação, excluindo os minifúndios; o quinto significado, difusão de inovações técnicas para o desenvolvimento agrícola brasileiro, modernização agropecuária; o sexto significado, com a fusão do extensionismo inovador das tecnologias modernas e ao processo educador “humanista”; o sétimo significado, extensão como comunicação dialógica; o oitavo significado, mobilização para a participação sociopolítica e econômica; o nono significado, da extensão para o desenvolvimento local, o estado tem que intervir para deixar de intervir apud Santos (2002); o décimo significado, estimular, animar e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, envolvendo atividades agrícolas e não agrícolas, e no fortalecimento da agricultura familiar, visando a melhoria da qualidade de vida e adotando os princípios da Agroecologia como eixo orientador das ações.

No entanto, durante mais de meio século de existência da extensão rural no Brasil, não foi possível promover mudanças significativas pois, esse serviço ainda encontra-se pulverizado. Esse trabalho busca enfatizar a dimensão da extensão rural em quanto processo de diálogo; o significado da extensão rural como meio de promover o fortalecimento da agricultura familiar a partir dos princípios da participação e ter como eixo norteador das ações, os princípios agroecológicos.

O pensamento da Agroecologia é o eixo norteador das ações da extensão rural em várias experiências no Brasil, voltado para os agricultores familiares, e esse conhecimento está alicerçado no pensamento sobre soberanias, afirmando o espaço e o território dos agricultores familiares, assentados, povos e comunidades tradicionais, como ferramenta que valoriza os conhecimentos tradicionais e as formas de organização coletiva. Sendo assim, a afirmação é que o conhecimento da Agroecologia requer um fluxo contínuo das relações entre diversos sujeitos e instituições de diferentes locais e concepções convergentes.

É primordial a articulação das trajetórias de construção da Agroecologia nas instituições acadêmico-científicas, técnicas e nas organizações da sociedade civil para que a perspectiva agroecológica seja ampla e efetivamente incorporada como enfoque orientador de transformações estruturais na agricultura brasileira (AGRICULTURAS, 2010, p. 11).

Caporal (2006) considera a Agroecologia como um campo de conhecimento multidisciplinar que pretende contribuir com modelos de produções agropecuárias de base ecológica numa perspectiva multidimensional visando uma sustentabilidade de



longo prazo. “O enfoque Agroecológico corresponde a aplicação de conceitos e princípios da Ecologia e desempenho de ecossistemas sustentáveis” (GLISSEMAM apud CAPORAL, 2006, p.2).

A defesa da Agroecologia é a base política do grupo Agrovida; sendo assim, o grupo foi tomando posicionamento perante sua organização para defender uma ação de extensão rural que tivesse alicerçada nos conhecimentos de base agroecológica. Para tanto, foram construídas várias relações com diversos sujeitos: comunidade acadêmica e comunidade territorial, entrelaçando com diversas instituições: associações e cooperativas dos(as) agricultores(as) familiares, a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, o Comitê Gestor do Território do Recôncavo, os sindicatos dos trabalhadores rurais e a Prefeitura Municipal.

Em seguida, os componentes do grupo Agrovida, de posse dos conhecimentos no âmbito da educação formal e não formal, foram construindo passos importantes sobre Agroecologia com as comunidades. O primeiro passo diz respeito ao conhecer a realidade; o segundo passo foi dialogar sobre a realidade diagnosticada; o terceiro passo, planejar as ações com a comunidade; o quarto passo, construir as ações e torná-las no plano de formação da comunidade sobre Agroecologia a partir das ações de extensão rural.

Gliessman apud Caporal (2006) fala do enfoque agroecológico na perspectiva de aplicação de conceitos metodológicos, que adquirem enorme complexidade que corresponde aos três níveis fundamentais para conversão de agroecossistemas sustentáveis, ou seja, o processo de transição agroecológica: o primeiro nível é a redução dos insumos externos, mas sem eliminá-los; o segundo nível é a substituição de insumos convencionais por insumos alternativos; e o terceiro nível é a transição, representada pelo redesenho dos agroecossistemas.

Deste modo, o grupo Agrovida (associação de estudantes) começou a dialogar com os agricultores familiares do território do Recôncavo. A partir de iniciativas dos estudantes e dos agricultores familiares, foi possível construir níveis de ação prática em extensão rural a partir das seguintes concepções de extensão universitária.

A primeira visão de extensão universitária é de seu caráter processual numa dimensão sócio-educativa-cultural-política-científica que viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. A segunda é uma visão de extensão como um conjunto articulado de programas, projetos e outras ações que ampliam a



formação no âmbito acadêmico. A terceira concepção é de um conceito de extensão voltado à perspectiva da produção do conhecimento, via um fluxo de ações que podem favorecer a troca de saberes resultante do confronto entre teoria e prática que implica em uma constante atualização científica pelo(a) engenheiro(a) agrônomo(a).

A compreensão do termo *extensão* no primeiro momento para o Agrovida apresenta-se como um enigma, e as tentativas em decifrá-lo contribuem para elucidar os contornos tão variados deste termo que reflete na prática acadêmica do estudante no campo da extensão rural no Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas que vem aprimorando suas ações a partir de um conjunto de saberes, fazeres, estratégias, crenças, ideias, valores e mitos traduzidos entre os agricultores familiares no território do Recôncavo.

### **O aperfeiçoamento teórico-metodológico mediado pela extensão universitária com ênfase no rural**

Entre o pensar acadêmico e o fazer prático dos agricultores familiares, existe uma mensagem, e esta precisa ser mediada entre os diversos sujeitos. Paulo Freire (2011) fala sobre a comunicação, algo tão importante no processo de envolvimento com as comunidades. Nos espaços de formação há um compartilhamento de assuntos de interesses comuns para os estudantes (integrantes do Agrovida): os problemas e problemáticas que surgem na comunidade, para o agricultor e agricultora dialogar, compartilhar com alguém que estuda sobre o assunto.

Nesse processo de trocas de informações e sentimentos, surge então a proposta chave do Agrovida: promover a extensão rural com base nos princípios da Agroecologia. Para nós, há uma aproximação entre diferentes sujeitos no objeto de pesquisa. Como diz Paulo Freire (2011), a educação como prática de liberdade não é a transferência ou transmissão do saber nem da cultura.

Para nós, a “educação como prática de liberdade” é, sobretudo e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes (FREIRE, 2011, p. 106-107).

A partir das ações de extensão universitária, os integrantes do grupo Agrovida conseguiram vislumbrar a “produção do conhecimento acadêmico” buscando linhas de pesquisas, bem como professores que pudessem orientar o objeto de estudo, a partir da

vivência de campo, dos problemas enfrentados pelos agricultores familiares, que de certa forma passaram a serem os problemas do Grupo também.

Por outra parte, essas experiências vivenciadas entre diferentes sujeitos de diferentes níveis educacionais vêm fazendo com que se construa pesquisa, tanto em nível de iniciação científica na graduação como de projetos de pós-graduação, a exemplo das experiências de vários estudantes que compõem e que compuseram o Agrovida.

Os estudantes, componentes do Agrovida, nas ações com a comunidade, problematizam as situações reais do local, de cunho organizacional ou metodológico, ou em situações de pragas e doenças das plantas e animais domésticos, entre outros assuntos de cunho agrônomo. Esta problematização deu origem a vários trabalhos de conclusão de curso, estágios supervisionados, dissertações e algumas teses.

Nesta perspectiva uma das especificidades da pesquisa-ação consiste no relacionamento desses dois tipos de objetivos: a) o objetivo prático: contribui para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com o levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às ‘soluções’ para auxiliar o agente (ou autor) na sua atividade transformadora da situação; b) e o objetivo de conhecimento: obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos e aumentar nosso conhecimento de determinadas situações (THIOLLENT, 1985 citado por SILVA, 1991).

É necessário que os pesquisadores levem em consideração os aspectos comunicativos na espontaneidade e no planejamento consciente de ações transformadoras. Tal comunicação não é concebida como processo unilateral de emissão-transmissão-recepção, e sim como processo multidirecionado e de ampla interação. Este processo é normalmente dirigido no sentido de fortalecer tendências criadoras e construtivas (THIOLLENT, 2011, p. 86).

Foi notável, nas ações de campo, a necessidade da mudança da matriz tecnológica das Ciências Agrárias, no qual estamos propondo a Agroecologia como matriz de produção. No entanto, existem poucas pesquisas ainda, porque, mesmo com o passar do tempo, o modelo difusionista da extensão rural está impregnado na academia, pois o método de ensino que se prioriza é simplesmente o processo de aprendizagem mecânica voltada para o agronegócio.

Além da necessidade de mudança na matriz tecnológica, foi possível também observar o compromisso dos(as) jovens que foram os Agentes Multiplicadores de Agroecologia (AMA), alguns desses sujeitos conseguiram ingressar na universidade, Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 – Vol. 11, No. 1, JUN 2016 7





fazendo parte do Agrovida também. Além disso, eles possuem uma boa participação política de organização interna, ou seja, nas comunidades, com o envolvimento nas associações, cooperativas e sindicatos.

## **Bibliografia**

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, A. J.; PAULUS, G. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. Disponível em: < [www.agroecologiaemrede.org.br/.../P399\\_2005-11-10\\_133719\\_016.pdf](http://www.agroecologiaemrede.org.br/.../P399_2005-11-10_133719_016.pdf) > Acesso em: 17 de maio de 2010.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 4ª ed. 131 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 5ª ed. 251 p.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 16ª ed.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 4ª ed. 131 p.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 4ª ed.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011. 18ª ed.

LIMA, S.L.S. **Organização socioeconômica e o papel do Estado na configuração territorial do Sertão Nordestino**. Revista de geografia agrária, v.4. n.7. pp. 140-166, fev. 2009.

JEZIANE, Edineide. **A crise da Universidade e o compromisso social da Extensão Universitária**. João Pessoa. UFPB. 2006. 332 p.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação Rural**. Brasiliense. 1983. 143 p.

AGRICULTURAS: **Experiências em Agroecologia**. Revista, v. 7, nº 3. Rio de Janeiro, out. 2010.

GOMES, M.A.O. SOUZA, A.V.A. de. CARVALHO, R.S. de. **Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) como mitigado de impactos socioeconômicos negativos em empreendimentos agropecuários**. In: Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos. BROSE, Marcuse (org.). Porto Alegre-RS: Tomo Editorial, 2005. 205 p.

PETERSEN, P. & ROMONO, O.J. (org). **Abordagens participativas para o desenvolvimento local**. AS-PTA. Rio de Janeiro-RJ. 1999. 144 p.





Figura 1 - FONTE (Relatório Agrovida, 2013)



Figura 2 - FONTE (UFRB)